



UNICAMP

EVENTO: BALÉ ZORBA, O GREGO / ANA BOTAFOGO

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 22/03/95

PÁGINA: D 10

SEÇÃO: CADERNO 2



DANÇA

Ana Botafogo desvenda segredos de 'Zorba'

A bailarina estréia hoje, no Teatro Municipal do Rio, na coreografia criada por Lorca Massine

HELENA KATZ
Especial para o Estado

Ana Botafogo, a mais suave das nossas bailarinas clássicas, estréia no Teatro Municipal do Rio, hoje, um novo personagem. No lugar das heroínas românticas que povoam com muito sucesso a sua carreira, ela agora é Marina, uma rejeitada, na nova produção de *Zorba, o Grego* que Lorca Massine preparou.

Sempre curiosa, Ana até já levou suas sapatilhas de ponta para o carnaval do Sambódromo carioca. Misturar técnica clássica com pequenos requiebrões populares também não é segredo para ela. Um exemplo: acaba de dançar *Garota de Ipanema* num pas de deux com Marcelo Alvarenga, inaugurando o novo Espaço Finep (que teve o palco aumentado). Trata-se de uma homenagem a Tom Jobim coreografada por Fábio de Mello.

Mas a Marina criada por Lorca Massine é uma outra história. E Ana Botafogo fala ao *Caderno 2* sobre esta nova experiência.

Caderno 2 — Por que você aceitou fazer um papel tão distante da imagem que o público tem da bailarina Ana Botafogo?

Ana Botafogo — Não pude assistir ao *Zorba* ao vivo, no ano passado. Quando recebi o vídeo, gostei bastante do que vi, especialmente dos trechos do meu personagem. O pas de deux do segundo ato, que acontece pouco antes da minha morte, por exemplo, é lindo, muito fluido, com desenhos coreográficos muito entranhados. Mas o que me atraiu, basicamente, foi o desejo de aprender uma linguagem diferente, aliás, completamente diferente da que meu corpo está treinado.

Caderno 2 — As características psicológicas de Marina não assustaram?

Ana — Sempre que ela aparece em cena, são momentos tensos. Ou ela está sendo rechaçada pela aldeia, ou está sendo atacada. Porque o que se espera dela é que se case com alguém de lá, com o grego Yourgos, nunca que se relacione com um estrangeiro. O tempo inteiro ela é um peixe fora d'água. Isso é totalmente diferente, em termos dramáticos, dos papéis que habitualmente faço. Fiquei muito interessada por esse tipo de construção de personagem, e isso sempre acaba estimulando o trabalho.

Caderno 2 — Foi fácil aprender o papel?

Ana — Primeiro, assisti várias vezes ao vídeo que me mandaram. Mas, como se sabe, vídeo é uma coisa e teatro é outra. Pelo vídeo só, nunca dá para se aprender uma coreografia direito. Já achei difícil tentar pegar a coreografia direto de lá. Quando comecei a ensaiar com Lorca Massine, aí acho que fiquei mais preocupada ainda. Não era só diferente, mas completamente diferente de tudo o que tenho hábito de ensaiar.

Caderno 2 — O estranhamento durou quanto tempo?

Ana — Ensaiei três semanas sozinha com Lorca. Não paramos nem para o carnaval. Ele me ensinou a intenção do personagem, todas as nuances, as sutilezas, além dos passos. Como é uma criação dele, acredito não ter podido ter melhor professor. Mesmo assim, no início, a gestualidade estava tão deslocada no meu corpo, que eu achava que ele estava pensando assim: "Será que esta bailarina clássica vai estragar o meu espetáculo?" Eu tinha receio e imaginava que ele tinha ainda mais medo que eu, de nada dar certo. Aos poucos, porém, o movimento foi entrando. Hoje, já posso dizer que consegui.

Caderno 2 — Você está satisfeita com o resultado?

Ana — Lorca Massine me ensinou tudo, exceto o último pas de deux. Esse, aprendi com meu próprio partner, o bailarino Wozniak, que está no papel desde a primeira montagem. Usei também outro

vídeo, feito num estúdio com a bailarina polonesa que dançou aqui no ano passado. Fui pegando tudo bem aos poucos. Se não tivesse tido a oportunidade de ensaiar duro por três semanas, com certeza não teria conseguido.

Caderno 2 — Como foi o contato com Lorca Massine?

Ana — Ele tem um espírito de Zorba. Deve ser por isso que toda hora troco Lorca por Zorba. Lorca tem tranquilidade e alegria permanentes. Quer sempre tirar o bom da vida, levar harmonia para tudo o que faz, para todos os que estão por perto. Os bailarinos da companhia o adoram. Apesar de ser uma grande estrela, nunca se comporta como tal. Se preocupa e pergunta por cada um, cria uma atmosfera de cordialidade familiar. Uma pessoa muito interessante de se trabalhar.

Caderno 2 — Você também se contagiou por Zorba?

Ana — Estou lendo o livro e gostando muito. Estou conseguindo me aprofundar nos detalhes dos personagens e isso favorece meu relacionamento com o espetáculo como um todo. Parece que Lorca também tem, como Zorba, essa vontade de praticar a reunião através da dança e do canto, que ele também vê esse como o caminho para se chegar perto da felicidade. Mas, como o próprio Zorba, Lorca Massine é rigoroso com o trabalho. As coisas são bem separadas. Hora de trabalho é só de trabalho. E todos devem dar duro, ser dedicados, empenhados.

Caderno 2 — E depois de Marina, o que vem por aí para você?

Ana — Não ria, mas vou voltar a dançar *Les Sylphides*, balé que já não danço há uns oito anos, na temporada da companhia, em maio, no Teatro Municipal do Rio. Dona Eugênia Feodorova vai montar, com assistência de Berta Rosanova.

Pronto. Quem já estava se assustando, pode relaxar. Vai reencontrar a "sua" Ana Botafogo em breve.



Trilha resume Theodorakis

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Mikis Theodorakis descobriu com o balé *Zorba* (1988) que, além de grego, é europeu e cretense. Isso significa que Theodorakis começou sua carreira como compositor europeu ocidental, descobriu posteriormente a música grega tradicional e só depois entendeu o significado da independência musical de Creta, terra de seus ancestrais. Tudo isso está no balé de Lorca Massine, o que não chega a ser uma vantagem em relação à trilha do filme de Cacoyannis.

O lado europeu de Theodorakis se traduz na influência direta da estrutura orquestral de *Romeu e Julieta*, de Prokofiev, e nos coros que imitam Verdi. Restam as partes grega e cretense. A grega também não foi originalmente concebida para o balé. Sua matriz é outra obra de Theodorakis, *Carnaval Grego* (1948/49), suíte sinfônica totalmente absorvida no balé. Seu lado cretense se manifesta no aproveitamento de uma peça para piano e orquestra, *Sirtos Chaniotikos*, escrita quando vivia com o pai na ilha, onde cansou de ouvir música folclórica.

A trilha do filme de Cacoyannis é mais emocionante e espontânea, mesmo sem a orquestra sinfônica do balé (a Hungarian State Orchestra, regida pelo autor). A vantagem da trilha do balé é a presença da mezzo-soprano Sophia Michaelidi. E, claro, o bouzouki de Kostas Papadopoulos e Lakis Karnesis. De qualquer modo, o CD da pequena gravadora alemã Intuition Records (P.O. Box 27 01 26,5000, Köln 1, Deutschland) conserva a força do grande compositor grego.

Lorca Massine renova espetáculo criado em 88

Crítico do seu próprio trabalho, ele diz que a coreografia deve sempre ser aprimorada

Lorca Massine volta ao Brasil com seu *Zorba, o Grego*. Estréia no Teatro Municipal do Rio de Janeiro hoje e, no dia 28, no Teatro Municipal de São Paulo. Depois, segue em turnê por várias cidades. Embora tenha apresentado seu espetáculo aqui no ano passado, Lorca Massine garante que se trata de uma nova estréia, uma vez que a produção é inteiramente nova. Além de ter outro cenário e figurinos, realizados pela artista plástica russa Sofia Tougariнова, traz Ana Botafogo como Marina.

"Cada ano faço um novo Zorba porque crítico muito meu próprio trabalho", diz ele. "Coreografia não é como uma descoberta que, uma vez feita, já fica pronta para sempre; coreografia se aprimora sempre, permite que se busque sempre algo mais nela."

Foi em 1988 que Lorca Massine, filho do lendário Massine dos Balés Russos, montou o primeiro *Zorba, o Grego*, no Arena de Verona, na Itália. Desde então, não parou mais. Já levou seu espetáculo para dez países, onde foi assistido por mais de dois milhões de pessoas. De acordo com seu criador, trata-se de uma "ópera omnia", isto é, de uma mistura de música, teatro, sirtaki grega, coro, literatura e dança, que ele transformou numa espécie de marca.

O coreógrafo acredita que *Zorba* faça tanto sucesso sempre porque sua história é muito simples e

acessível e não há quem não queira ser Zorba por um dia. "A música de Nikos Kazantzakis ajuda muito, claro, porque provoca muita empatia", acrescenta. "O fato de ser um livro e também um filme, estrelado por Anthony Quinn, faz com que todo mundo o conheça, de um jeito ou de outro."

No ano que vem, Lorca Massine traz ao Brasil outro fruto da estética que desenvolve: *Streets*, cuja trilha sonora reúne Ravi Shankar e Phillip Glass, Yo-Yo Ma e Bob McFerrin e até mesmo um quase rap de Sérgio Mendes. Em *Streets*, um casal de artistas está sempre empregado e, por isso, vai para as ruas, em Nova York. "Meu interesse básico é a aventura", resume o coreógrafo.

Quero unir as artes, misturar sempre tudo com boas idéias. Por isso, o novo trabalho é também teatral".

Para o novo Zorba, Sofia Tougariнова criou cenários e figurinos que misturam técnicas e cores. De uma linguagem muito nobre, Sofia é uma princesa russa que mora na Polônia, desde 1985. "Hoje é muito chique ser nobre lá", observa

a artista. "Mas eu não dou bola, o que me importa é a nobreza de sentimentos. Na verdade, foi isso que herdei dos meus pais."

Sua intenção em *Zorba* é recriar um vilarejo grego. Nos cenários, por exemplo, está usando mais de quatro quilômetros de sarrafo. "Embora a Grécia seja branca, optei pelas cores para conseguir as texturas mais adequadas", explica Sofia. "Tanto o cenário quanto o figurino devem servir à coreografia, estabelecer uma harmonia com ela, que é o que deve estar sempre em primeiro plano." (H.K.)



Lorca Massine: aventura